35 ANOS DE TEATRO

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO
DIVULGAÇÃO

2001

GRUPO DIVULGAÇÃO

BOTANÁGUA

de José Luiz Ribeiro

Centro de Estudos Teatrais

Grupo Divulgação

apresenta

BOTANÁGUA

de

José Luiz Ribeiro

FORUM DA CULTURA
2001

As razões do Botanágua

José Luiz Ribeiro

O bairro do Botanágua existiu em Juiz de Fora e ocupava o espaço que ia da Estrada de Ferro Leopoldina e terminava na fazenda de Delfino da Costa Carvalho, ladeando a margem esquerda do rio Paraibuna.

Contam os antigos que esta várzea era habitada por malfeitores que faziam do latrocínio sua forma de viver. Depois de assassinar os incautos passantes os ladrões indagavam o que fazer com o corpo da vítima. A resposta era prática: bota nagua.

Este é o mote que serve de fundo para uma comédia de costumes que ultrapassa ao simples divertimento para se tornar um instrumento de reflexão. Botanágua é a radiografia de um momento social brasileiro. É, também, um retrato do comportamento de pessoas comuns que ouviram falar sobre o Brasil como o país do futuro. Um futuro que é sempre adiado por sucessivas ondas de buracos negros que adia os tempos de felicidade.

As personagens são recortes de seres comuns revestidas da qualificação da alma brasileira, tolerante e paciente. Não têm a dimensão dos heróis épicos e suas ações não comporiam uma epopéia.

Falamos, aqui, de gente simples que ainda se apegam a valores, hoje em desuso, mas que lutam para sobreviver num país sufocado pela ausência de valores morais e éticos. Um país capitaneado pela injustiça, incompetência e ignorância.

A vida miúda da classe média, que disputa as promoções nos supermercados, tem como pano de fundo um governo ditatorial, disfarçado de liberal, que vende o país e massacra o seu povo em nome uma política econômica que privilegia o poder internacional em detrimento do local.

São pequenas ações que revelam no fragmento a corrosão de caráter do mundo neoliberal que, através de acordos partidários, esquece a função do homem público comprometido com o *bem comum* e a *justiça social.*

Não é um grito panfletário, é, como diria Brecht um comportamento comum que deve ser estranhado, questionado e mudado. No momento em que estamos vivendo a saga de malfeitores que assaltavam e jogava o corpo de suas vítimas no rio temos uma boa metáfora para pensar na construção de um barril de pólvora que vai se sedimentando no coração do povo brasileiro, tantas vezes, assaltado, humilhado e violentado.

Optamos por uma montagem despojada. A economia é a palavra de ordem nestes tempos de guerra. Nossos ensaios foram feitos com o mínimo de iluminação possível e nossa montagem procurou colaborar para que saíamos,mais uma vez, do estado de emergência.

Assim, depositamos em nossos atores a responsabilidade de recuperar a essência básica do teatro, o trabalho do ator. Só não economizamos idéias e uma ira santa para falar do nosso povo com o nosso povo.

Eulália, atrelada ao telefone tenta controlar o mundo familiar e preencher sua solidão. Odete, sua antagonista, tenta sorver a vida e moldá-la a seu modo, não deixando de lutar nunca. Existe o cotidiano e a feijoada é um símbolo da cultura da festa, onde todos fogem do seu cotidiano através da alegria. *Botanágua* é uma peça sobre mulheres fortes e homens perplexos.

É um fragmento que busca despertar, através do riso, a revolta que dorme dentro de cada um de nós. É um grito de alerta de um povo que merece ser respeitado por seus governantes.

É preciso falar

Márcia Falabella

São tempos de dor. Uma dor velada, abafada, impossível de se nomear. A sociedade enfrenta uma crise de valores éticos, morais, ideológicos. A era globalizada, em que só é cidadão aquele que consome, provocou uma espécie de implosão social, que neutraliza nossa capacidade de articulação para lutar.

São tempos de cólera contida, porque estamos impotentes. A mídia, hoje, se isenta de sua responsabilidade de denunciar e opinar sobre os fatos, tornando-se uma máquina a serviço da globalização e transformando-se em mera repetidora de notícias e produtora de efêmeros espetáculos cotidianos, que se perdem nessa enxurrada de informação podre.

Mas ainda são tempos de esperança. Nessa paisagem sombria, o teatro permanece como um fórum de resistência. Um espaço fértil, onde ainda é possível a um povo encontrar resquícios de sua identidade perdida e construir uma nova. No teatro, as pessoas ainda conseguem experimentar emoções que fazem o espectador se sentir vivo, porque se arrepia, porque reage, porque ri e chora, porque se diverte, porque, simplesmente, existe.

Acreditando na arte teatral como esse totem milenar, oráculo revelador de tantas verdades, é que o Divulgação coloca em cena *Botanágua.* Um espetáculo que nos permite desabafar, que nos torna menos incapazes diante desse cenário pouco promissor, que toma conta de nosso país.

Um espetáculo que, uma vez mais, dialoga com a realidade da nossa aldeia. E o público, componente essencial para que se efetive o milagre cênico, tem um papel fundamental nessa montagem, porque transforma o riso em diálogo, juntando sua voz e seu aplauso a esse ato público contra a imoralidade a que estamos sendo submetidos a cada dia.

São pequenas ações que revelam no fragmento a corrosão de caráter do mundo neoliberal que, através de acordos partidários, esquece a função do homem público comprometido com o *bem comum* e a *justiça social.*

Não é um grito panfletário, é, como diria Brecht um comportamento comum que deve ser estranhado, questionado e mudado. No momento em que estamos vivendo a saga de malfeitores que assaltavam e jogava o corpo de suas vítimas no rio temos uma boa metáfora para pensar na construção de um barril de pólvora que vai se sedimentando no coração do povo brasileiro, tantas vezes, assaltado, humilhado e violentado.

Optamos por uma montagem despojada. A economia é a palavra de ordem nestes tempos de guerra. Nossos ensaios foram feitos com o mínimo de iluminação possível e nossa montagem procurou colaborar para que saíamos,mais uma vez, do estado de emergência.

Assim, depositamos em nossos atores a responsabilidade de recuperar a essência básica do teatro, o trabalho do ator. Só não economizamos idéias e uma ira santa para falar do nosso povo com o nosso povo.

Eulália, atrelada ao telefone tenta controlar o mundo familiar e preencher sua solidão. Odete, sua antagonista, tenta sorver a vida e moldá-la a seu modo, não deixando de lutar nunca. Existe o cotidiano e a feijoada é um símbolo da cultura da festa, onde todos fogem do seu cotidiano através da alegria. *Botanágua* é uma peça sobre mulheres fortes e homens perplexos.

É um fragmento que busca despertar, através do riso, a revolta que dorme dentro de cada um de nós. É um grito de alerta de um povo que merece ser respeitado por seus governantes.

É preciso falar

Márcia Falabella

São tempos de dor. Uma dor velada, abafada, impossível de se nomear. A sociedade enfrenta uma crise de valores éticos, morais, ideológicos. A era globalizada, em que só é cidadão aquele que consome, provocou uma espécie de implosão social, que neutraliza nossa capacidade de articulação para lutar.

São tempos de cólera contida, porque estamos impotentes. A mídia, hoje, se isenta de sua responsabilidade de denunciar e opinar sobre os fatos, tornando-se uma máquina a serviço da globalização e transformando-se em mera repetidora de notícias e produtora de efêmeros espetáculos cotidianos, que se perdem nessa enxurrada de informação podre.

Mas ainda são tempos de esperança. Nessa paisagem sombria, o teatro permanece como um fórum de resistência. Um espaço fértil, onde ainda é possível a um povo encontrar resquícios de sua identidade perdida e construir uma nova. No teatro, as pessoas ainda conseguem experimentar emoções que fazem o espectador se sentir vivo, porque se arrepia, porque reage, porque ri e chora, porque se diverte, porque, simplesmente, existe.

Acreditando na arte teatral como esse totem milenar, oráculo revelador de tantas verdades, é que o Divulgação coloca em cena *Botanágua.* Um espetáculo que nos permite desabafar, que nos torna menos incapazes diante desse cenário pouco promissor, que toma conta de nosso país.

Um espetáculo que, uma vez mais, dialoga com a realidade da nossa aldeia. E o público, componente essencial para que se efetive o milagre cênico, tem um papel fundamental nessa montagem, porque transforma o riso em diálogo, juntando sua voz e seu aplauso a esse ato público contra a imoralidade a que estamos sendo submetidos a cada dia.

Tantos textos e tantos espetáculos, ao longo da história, cumpriram esse papel. Desde Sófocles, reverenciando os mitos gregos, passando por Shakespeare, Molière, Tchechov, Brecht e tantos outros mestres, o teatro soube falar das angústias, das conquistas e das cores de seu tempo. *Botanágua* reafirma o compromisso do Divulgação com um teatro ideológico. São 35 anos percorrendo essa trilha. Entre certezas e incertezas, entre alegrias e tristezas, entre louros e espinhos, entre perdas e conquistas, continuamos acreditando nessa celebração do homem, através de sua arte. Um caminho que, sem dúvida alguma, valeu e continua valendo a pena ser percorrido.

O Divulgação enriqueceu o panorama cultural de Juiz de Fora, modificou a vida de cada um de seus membros, alterou o comportamento de tantos espectadores. Que as cortinas jamais se fechem e os refletores jamais se apaguem para essa história, que é tão minha, que é tão nossa.

Desmontando a família

Fernando Fábio Fiorese Furtado

Os muitos modos do riso mais do que aliviam a tensão muscular do rosto cotidiano, apático ou trágico. A convulsão da nossa máscara social diária pelo riso resulta na percepção do *modus operandi* da máquina lógica que, lenta e inexoravelmente, nos torna avessos ao prazer do acaso que governa a realidade. Seja o riso comedido ou a gargalhada às escâncaras, trata-se sempre do desmonte da ordem tranqüilizadora das idéias e dos valores, dos comportamentos e das crenças. Daí talvez o caráter um tanto sacrílego da comédia: um insulto aos deuses instituídos, um desafio aos homens respeitáveis e bem-postos.

Tais breves considerações acerca do riso, rascunhadas por um espectador comum, embora privilegiado e cúmplice, ensejam apenas chamar a atenção do leitor para uma das muitas características da extensa obra do ator, diretor e dramaturgo José Luiz Ribeiro, cuja trajetória à frente do Centro de Estudos Teatrais — Grupo Divulgação se confunde com a história de resistência e pioneirismo da cultura e da arte em Juiz de Fora nas últimas três ou quatro décadas. Refiro-me à obra de comediógrafo do autor juizforano, que encontra em *Botanágua*, sua montagem mais recente, um exemplo acabado da estratégia especular (no sentido verbal e substantivo) utilizada por José Luiz Ribeiro para desmontar a realidade brasileira cotidiana.

Ao modo da melhor tradição cômica, o autor elege a cena doméstica — o universo minúsculo de uma família classe média baixa — como espelho onde abismar os espectadores para especularmos uma realidade que, por demasiado maiúscula e complexa, muitas vezes nos submete e paralisa.

Assim, na superfície deste espelho algo banal e imediatamente reconhecível nos defrontamos com o desmonte de uma família tipicamente juizforana e brasileira, a minha, a sua e — pasmem! — a do próprio autor e diretor. As referências pessoais e locais não devem ser entendidas, no entanto, no sentido do provinciano ou do ocasional. São antes estratégias utilizadas para facilitar o imediato estabelecimento do pacto de representação e, principalmente, para engendrar as *gags* que desmantelam em riso o nosso rosto pequeno-burguês, enquanto acompanhamos o desmoronamento da família em cena.

O local e doméstico são apenas sintomas dos **apagões** ético, social, político, econômico e cultural que acossam a realidade brasileira contemporânea. Desmontando a família de todos e de cada um, *Botanágua* nos desafia a ultrapassar as iluminações midiáticas e o aço do neoliberalismo para, através do espelho e não sem dor, nos defrontarmos com a face trágica do Brasil atual, urdida em 500 anos de injustiça e corrupção. Num híbrido de Mário de Andrade e Charles Chaplin, José Luiz Ribeiro atualiza "os males do Brasil são", sem nunca perder o lirismo e a ternura em relação àqueles que sabem a festa e o riso, ainda que à beira das trevas.

Como *Era sempre 1° de abril* e *O príncipe rufião*, apenas para citar dois exemplos, *Botanágua* opera no terreno indecidível, na região difícil — e por isso a poucos dramaturgos franqueada — entre a alegria e a dor, entre o cômico e o trágico, entre o lírico e o banal, entre os vivas e os pesares; afinal, esta a cena brasileira. E José Luiz Ribeiro sabe vencer artifícios economicistas e logros midiáticos para trazer ao proscênio e colocar sob as luzes que ainda nos restam as verdades intestinas e as grandezas que, embora inauditas ou subestimadas, nos fazem ser o povo brasileiro.

Grupo Divulgação: Oficina de sonhos.

Marcos Araújo

Assistir a um espetáculo montado pelo Grupo Divulgação é estar diante de uma janela observando um mundo da fantasia e de sonhos. Pelo menos esta foi a minha primeira impressão, quando pela primeira vez, assisti a uma fabulosa montagem do Grupo. Ao se abrirem as cortinas, uma música apoteótica aguçou-me os sentidos, era *Carmina Burana*. Um segundo depois, o palco repleto de cavaleiros, freiras e vários ícones medievais. A peça *Todomundo* ficou marcada para sempre em minha memória, nunca me esquecerei daquela história que soube tão bem representar uma oportunidade de regeneração da sociedade, mostrando as mudanças que precisam ser realizadas em favor do homem e da vida.

O tempo passou, vieram outras montagens, deixei de assistir a algumas, mas a semente já tinha encontrado um solo fértil. O desejo de fazer teatro, de conhecer as pessoas daquele grupo e de fazer parte daquela máquina de sonhos já estava enraizado em mim e apenas aguardava, em estado latente, para dar os primeiros frutos. Foi, então, que apareceu um teste: era a grande chance de fazer parte daquele mundo. Com muito medo, timidez e nervosismo, enfrentei aquele desafio, o melhor de toda minha vida. Quando dei por mim, já estava lá e do lado de dentro da cortina.

Hoje, faço parte desta incrível escola que é o Grupo Divulgação, há 35 anos lutando pela cultura e fazendo um teatro um teatro responsável, que reflete o tempo atual, na busca de estar, sempre, dizendo algo de relevante à sua aldeia. Quando disse escola não foi mera casualidade, pois aqui se aprende muito mais do que atuar no palco, aprende-se a viver. O Divulgação é uma oficina viva , em que cada geração que passou por seu palco não aprendeu apenas o que se refere à interpretação, contra-regragem e iluminação, mas, acima de tudo o aprendizado do valor a tudo que se relaciona com o gênero humano.

A importância de deixar isto gravado, não digo apenas pelo o que conheço, mas sim pela certeza de que, durante estes anos de resistência, O Grupo Divulgação deixou marcas em muitos corações, contribuindo para a formação de sues membros e direcionando vários caminhos. Ao público, reservou o que sabe fazer de melhor, pelas suas mãos Juiz de Fora apreciou espetáculos de grandes autores nacionais e universais: Oswald de Andrade, Dias Gomes, Jorge Andrade, Nelson Rodrigues, Lorca, Tchekov, Ionesco, Molière, Shakespeare,Sófocles e diversos nomes notáveis que integram o repertório do Divulgação.

Preocupado com as questões sociais que assolam o país, o Grupo desenvolve o projeto *Escola de Espectador*, abrindo espaço às comunidades carentes para entrar em contato com a magia do teatro. O resultado disto é a proliferação de grupos teatrais nas escolas , igrejas e bairros da periferia. Em cada criança, jovem ou adulto tocados pela mágica do fazer teatral , o Grupo Divulgação celebra a alegria de estar vivo, renovando-se e tendo a corroboração de que o teatro é uma arte que nunca morrerá.

Perto da data de comemorar seus trinta e cinco anos, no dia 7 de julho, o Divulgação brinda o seu público com mais uma montagem que é o retrato dos dias atuais. Uma deliciosa comédia de costumes com um amplo poder de identificação com o espectador, a peça *Botanágua* possuiu uma linguagem popular e aborda, com humor e ênfase nas questões políticas, as dificuldades e prazeres enfrentados por uma família de classe média.

Por estas razões e por outras mais, é que o Grupo Divulgação merece ser lembrado e cultuado pelos juizforanos, pois, no campo das artes, ele é a estrela que brilha mais intensamente, é quem nos representa melhor. Jamais serei o mesmo ao fim de cada espetáculo, a cada aplauso e a cada sorriso de criança; é a metamorfose que vicia, que dá entusiasmo e impulsiona o sonho sempre adiante. Também jamais esquecerei das tardes, sentando na escada, me fartando de pão com salame. Que Deus abençoe essa gente que faz teatro!

FALA QUEM VIU BOTANÁGUA

"Atualíssima – crítica excelente. Parabéns!"
(Eveline Moreira Toledo, 42, assistente administrativa)

"Muito atual. Retrata fielmente o sofrimento da classe média. Parabéns."
(Elizete Bernardino, 65, contadora)

"Excelente! Inteligente e crítica, aliás como sempre!"
(Magda Gomes Quatorzevoltas, 22, estudante FAEFID)

"Maravilhoso, uma história de vida, o que acontece todo dia.
Gostei demais."
(Nila Peralta Abvandres, 62, pintora)

"Gostei tanto que voltei para vê-la novamente."
(Edna Souza, 19, doméstica)

"Muito divertida, tratando com bom humor do caos que se transformou o Brasil."
(André Vieira Assad, 32, funcionário público)

"Foi uma divertidíssima crítica à conjuntura atual do Brasil. O grupo está de parabéns!"
(Walquírea Jaenevai de Paiva, 24, estudante)

"Muito expressivo e bem representado. Parabéns pela originalidade e contextualização. Excelente o desempenho da Sra. Eulália. O espetáculo foi contagiante!"
(Eduardo Seabra, 39, professor)

"Aborda o cotidiano da família e a política de forma inTeligente e divertida."
(Caiel Wallace Rocha, 29, engenheiro)

"A cada dia atua melhor. As peças tem temas atuais, críticas e um toque de ironia. Gosto muito de assistí-lo. É um grupo muito bom." (Virgínia M. Oliveira, 34, funcionária pública federal)

"Excelente crítica social; criativa e alegre." (Henrique Jung Bearan, 56, médico)

"Uma peça maravilhosa retratando a realidade da família brasileira." (Maria Aparecida de Oliveira, 26, telemarketing)

"É impressionante a transparência da realidade cultural brasileira." (Thais Miana, 17, estudante)

"Ótima: fazia um bom tempo que eu não ria tanto!" (Vanessa Miranda, 27, estudante)

"Excelente como as demais peças, adequada e refletindo o momento em que vivemos." (Celeste Fartes, 58, assistente social)

"É uma peça bastante significativa, apesar de todas as dificuldades que enfrentamos no dia a dia ficou para nós pensarmos no papel da família." (Eliane de Castro de Mendonça, 28, pedagoga)

"Ótima, minha família é idêntica." (Tânia Maria Rodrigues de Paula, 37, balconista)

"Ótima! É a realidade de todo o nosso país. Infelizmente." (Júnia Côrtes Falcão de Paulo, 20, estudante)

"Grupo Divulgação é Grupo Divulgação. Com um governo desse só mesmo peças assim para rir e se divertir." (Luciana Armond Rezende, 23, advogada)

"A peça revela, com muita pertinência, o momento político que vivemos. Carnavaliza as opressões que o povo vem sofrendo... (Maria Tereza Scotton, 43, professora)

O público e o Divulgação

Um exemplo de cultura e fundamental. É ótimo poder saber que um projeto como esse já dura 35 anos. (Luiz Carlos Wischansky Dias, músico, 29.)

Um grupo maravilhoso, que promove peças de excelente qualidade para a cidade. Só merece aplausos (e de pé!) (Nívea Cristina Helvey, jornalista, 25.)

Acho importante o trabalho do grupo, pois assim contribui para a cultura através das peças e cria oportunidade para aqueles que não podem pagar.(Rita de Cássia Rodrigues, doméstica, 35.)

É um grupo ótimo que é apreciado por todas as gerações, é um referencial para a cultura de Juiz de Fora.(Ricardo Pires, militar,33.)

O Grupo Divulgação é uma prova da resistência cultural de Juiz de Fora.(Walkiria Fernandes, Turimóloga, 43.)

Um patrimônio valioso que Juiz de Fora deve preservar com o maior carinho!(Risiel Cristine Torres, psicóloga, 37)

Maravilhoso e Divertido. (Neli Gomes Couto, comerciaria, 50.)

O Grupo Divulgação talvez seja, em nossa cidade, o último reduto onde a cultura resiste à bundalização.(Flávio Lins, advogado, 33.)

O grupo é conhecido por sua qualidade técnica apurada e pela escolha muito cuidada de textos! (Marcos Antônio Alves Carneiro, empresário, 35)

Emociona-me sempre, o trabalho e a ideologia. (Victor Iório, professor, 52.)

O Grupo Divulgação comprova que quem acredita, faz e persiste. (Marisa Timponi Pereira Rodrigues, professora, 48)

Capaz de agradar ao público. Comprometido com o trabalho. (Margarida dos Reis Andrade de Oliveira, manicure,64.)

Sempre assisto às peças (inclusive infantis) e percebo que superam ou equiparam-se aos grandes grupos de centro maiores. (Denise Guimarães, professora, 52.)

"Um grupo como este que 'transpira' tanto talento merece receber muito respeito de todos." (Giselle Villela Oliveira, 20, estudante)

"Irreverentes, cativantes, profissionais." (Jean Carlos B. Storck, 24, farmacêutico industrial)

"Acho o grupo excelente. Sempre colocando assuntos atuais nas peças e sempre com conteúdo e com atores ótimos." (Mônica Gonzaga, 31, industrial)

"É um excelente grupo. Conta com a participação de excelentes atores. Aborda temas atuais e desperta reflexão sobre a sociedade de modo muito irreverente." (Walquíria Jaenevai de Paiva, 24, estudante)

"Sempre tem sido elogiado pelos amigos e quando assistimos aos espectáculos, sempre comprovamos a qualidade das apresentações." (Eduardo Seabra, 39, professor)

"Importante para a cidade. Formador de opinião pública. Estimula talentos artísticos e o senso crítico." (Dea Emília Carneiro de Andrade, 59, supervisora pedagógica aposentada)

Centro de Estudos Teatrais
Grupo Divulgação

apresenta

BOTANÁGUA

de José Luiz Ribeiro

Eulália	Márcia Falabella
Dora	Fátima Amorim
Euzébio	José Luiz
Zebinho	Júlio Andrade
Carlos Frederico	Leonardo Alvim
Emílio	Marcos Araújo
Dudu	Fábio de Almeida
Luísa	Aline Louise
Cida	Cristina Braga
Arlete	Joana Franco
Eunice	Juliana Cetrim
Tavinho	Oscar Calixto
Huguinho	Gustavo Burla
Sampaio	Paulo Moraes
Juninho	Leandro Boscato
Sara Shiva	Sônia Maria
Nara Ludmila	Tathiana Campolina
Waldete Vicentina	Sheila Lima
Dalva Elizabeth	Franciane Lúcia
Odete	Marise Mendes
Quincas	Marcos Cardoso
Sonotécnica	Juliane Mathiole
Iluminotécnica	Bárbara Bastos
Cartaz	Augusto França
Figurino	Malu Ribeiro
Cenário, desenho de luz e direção	José Luiz Ribeiro.

Apoio: Virgínia Fonseca * Léa Lignani * Jaqueline Glauber * Jussara Sarmento * Alonso Augusto * João Alberto * Neuseli Lutke * Jacqueline Hinkelmann * Marina Campos * Simone Veloso * Adriana Abrantes * Jorge Luís * Taisy Mattos *

GRUPO DIVULGAÇÃO
ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção
O homem do século XX
Antologia da mulher
Amor em verso e canção II
Nosso amor em verso e canção
Poemas operários
Poemineiros
Versos e Cantigas

ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina	João Cabral de Mello Neto
Coral Universitário	José Luiz Ribeiro (texto)
Belmiro, Murilo e Pedro Nava	José Luiz Ribeiro (org.)
Camões	José Luiz Ribeiro (sel.)
A menina casadoira	Eugène Ionesco
Pic-nic no front	Arrabal
Sganarello	Molière
Lição de Molière	José Luiz Ribeiro
Farsa do Mestre Pathélin	Anônimo medieval
Manuel, Bandeira do Brasil	Malu Ribeiro (org.)
Molière	José Luiz Ribeiro
A incelença	Luiz Marinho
OH! A mulher!	José Luiz Ribeiro
Os Divertimentos do Rei	J. Eduardo Vendramini
Sertaneja	José Luiz Ribeiro
A gata borralheira	Maria Clara Machado
Sassaricando	José Luiz Ribeiro
A pousada do Marreco Verde	José Luiz Ribeiro
A estranha história de Evlyn Roe	José Luiz Ribeiro
Canto por Federico	José Luiz e Malu Ribeiro
Viva o Zé Pereira	José Luiz Ribeiro
I love you Juju	José Luiz Ribeiro
A sapateira prodigiosa	Federico Garcia Lorca

TEATRO INFANTIL

A onça de asas	Walmir Ayala
O circo de bonecos	Oscar von Pfuhl
História de lenços e ventos	Ilo Krugli
Nem tudo está azul no país azul	Gabriela Rabelo
Guairaká	José Luiz Ribeiro
O embarque de Noé	Maria Clara Machado
D. Baratinha	José Luiz Ribeiro
A gema do ovo da ema	Sylvia Orthoff
A colcha do gigante	Zuleika Mello
Girassonho	José Luiz Ribeiro
Putz, a menina que buscava o sol	Maria Helena Kühner
A noite dos duendes	José Luiz Ribeiro
Bem do seu tamanho	Ana Maria Machado
Sonho Pirata	Liliana Neves
Passa, passa, assombração	José Luiz Ribeiro
D. Chicote Mula-Manca	Oscar von Pfuhl
O rouxinol do pescador	José Luiz Ribeiro
O caju encantado	Paula Schmidt
Estórias pra boi dormir	José Luiz Ribeiro
O carteiro do rei	Tagore/José Luiz Ribeiro
O dragão verde	Maria Clara Machado
O mistério das nove luas	Ilo Krugli et alii
A Chapeleira da Rua Azul	José Luiz Ribeiro
O patinho feio	Ronaldo Boschi
Guairaká (II)	José Luiz Ribeiro
A Guerra dos legumes	José Luiz Ribeiro
Generosa@fada.com	José Luiz Ribeiro

OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião	Nerthan Macedo
O urso	Tchekov
Bodas de Sangue	Garcia Lorca
Electra	Sófocles
Diário de um louco	Nicolai Gogol
Pequenos burgueses	Máximo Gorki
A visita da velha senhora	Dürrenmatt
Escola de mulheres	Molière
Escorial	Ghelderode
Romanceiro da Inconfidência	Cecília Meireles
Maria Stuart	Schiller
A morta	Oswald de Andrade
O patinho torto	Coelho Netto
Yerma	Garcia Lorca
Seis personagens em busca de autor	Pirandello
As criadas	Jean Genet
Arlequim servidor de dois amos	Carlo Goldoni
Calígula	Albert Camus
Guerra mais ou menos santa	Mário Brasini
Pedreira das almas	Jorge Andrade
Só o faraó tem alma	Silveira Sampaio
O beijo no asfalto	Nelson Rodrigues
Mas que papel, seu bacharel!	José Luiz Ribeiro
O estado de sítio	Albert Camus
Boca do inferno	Marcus Vinícius
A mandrágora	Maquiavel
O rei da vela	Oswald de Andrade
Como se fazia um deputado	França Júnior
Dr. Getúlio,sua vida e sua glória	Dias Gomes/F.Gullar
O jardim das cerejeiras	Tchekhov
Esta noite se improvisa	Pirandello
O inspetor geral	Nicolai Gogol
Fausto	Goëthe
Girança	José Luiz Ribeiro
A casa de Bernarda Alba	Garcia Lorca
Grito mudo	José Luiz Ribeiro
As aventuras do tio Patinhas	Augusto Boal
A aurora da minha vida	Naum Alves de Souza
Canga	José Luiz Ribeiro
O mercador de Veneza	William Shakespeare
O santo milagroso	Lauro César Muniz
Rasto atrás	Jorge Andrade
Era sempre primeiro de abril	José Luiz Ribeiro
Todomundo	José Luiz Ribeiro
Édipo-Rei	Sófocles
O burguês fidalgo	Molière
Vereda da salvação	Jorge Andrade
Il teatro comico	Carlo Goldoni
Como se come um homem	S. Mrozek
A torre em concurso	J. Manuel de Macedo
O homem e o cavalo	Oswald de Andrade
A escada de Jacó	José Luiz Ribeiro
Cervantina	Miguel de Cervantes
O devoto	José Luiz Ribeiro
O príncipe rufião	José Luiz Ribeiro
Viva a Nau Catarineta	Altimar Pimentel
Os ossos do barão	Jorge Andrade
Girança (II)	José Luiz Ribeiro
O último portal	José Luiz Ribeiro
Botanágua	José Luiz Ribeiro

AGRADECIMENTOS:

Reitora da UFJF:
Prof. Maria Margarida Martins Salomão

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 35 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que

"MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO"
Garcia Lorca